

# A crise na Ucrânia

Lenina Pomeranz

Junho de 2014

A crise na Ucrânia, como são conhecidos os recentes acontecimentos nesse país, desenrolou-se, até o presente, em várias etapas: uma primeira, que consistiu nas manifestações ocorridas na Praça Maidan, em Kiev e que culminaram com o golpe que derrubou o presidente eleito Victor Yanukovitch; uma segunda, que envolveu o referendo realizado na Crimeia e sua posterior incorporação ao território da Federação da Rússia; uma terceira, que envolveu as tentativas de diálogo entre as forças em conflito, realizada em meados de abril sem sucesso; nesta etapa, o conflito aprofundou-se com a utilização de grupos fascistas, nacionalistas radicais violentos, nas atividades repressivas da parte do governo provisório em Kiev – que não tem o comando necessário sobre as forças policiais e militares de segurança -, em relação aos insurgentes das regiões leste e sudoeste do país, defensoras de uma federalização e/ou de sua eventual integração à Rússia. O acontecimento mais grave desta fase foi o massacre, no dia 2 de maio, em Odessa, de militantes opositores ao governo central; uma quarta fase, com a mudança da atuação do governo russo, depois desse massacre; e, finalmente a fase corrente, que se inicia com a eleição de Petro O. Poroshenko para a presidência do país.

No decorrer da crise houve confronto ostensivo entre os países ocidentais liderados pelos Estados Unidos e a Rússia, provocando, recorrentemente, sérias preocupações de transformação desse confronto em uma guerra de maior amplitude, de consequências incalculáveis.

Esta última consideração permite centrar a análise no que a crise realmente é. Em outros termos, **evidenciar o fato de que a crise ucraniana se situa num quadro muito maior, de natureza geopolítica e**, segundo alguns analistas, entre os quais Salvador Raza, especialista em geoestratégia e segurança internacional,<sup>1</sup> **de natureza muito mais ampla**, envolvendo elementos detonadores de crises, como energia e tecnologia, além daqueles relacionados com a identidade cultural das populações, entre outros. As considerações de natureza geoestratégica, se consideradas de forma exclusiva, situadas fora desse contexto mais amplo, tendem a retomar o referencial de análise da guerra fria, como fazem muitos analistas da crise, excluindo a avaliação das consequências/repercussões problemáticas dos conflitos no sistema de relações internacionais.

---

<sup>1</sup> Globo News, programa Painel de 03/05.

Neste quadro analítico mais amplo, a crise ucraniana constitui atualmente um dos eixos de fricção, de conotações dramáticas e de múltiplas consequências no cenário internacional. Não se trata somente das vidas humanas sacrificadas no decorrer da crise e do rumo que deverá seguir o país, mas também do novo quadro de relações internacionais que resulta da crise e de sua eventual solução. Ele se torna mais complexo e multifacetado do que “a guerra do bem contra o mal” do contexto da guerra fria. Além da interdependência criada em torno da questão energética<sup>2</sup> – centrada na Europa - o referido analista indicou como exemplo o Afeganistão, para mostrar a enroscada que o conflito ucraniano criou para as ações de retirada das tropas americanas, face ao papel desempenhado pelo apoio logístico dessa operação dado pela Rússia. E mencionou, ainda, o problema da cooperação espacial, em torno da Estação Espacial Internacional, cujas viagens são feitas em *sputniks* russos.

Isto posto, este texto remete-se às questões que parecem importantes para equacionar e entender os aspectos específicos da crise ucraniana, começando pela primeira etapa acima definida.

A Ucrânia, assim como a Geórgia fazem fronteira com a Rússia; e a Moldova, situada ao sul da Ucrânia também tem área em disputa sobre autonomia regional com a Rússia, razão pela qual esses outros dois países são frequentemente citados nas análises sobre a crise na Ucrânia; a Geórgia, devido à guerra provocada pelo então presidente Saakashvili com o intuito de tomada de duas regiões autônomas, a Abkhazia e a Ossétia do Sul, que terminou com a vitória das tropas russas e a concessão de independência a elas; e a Moldova por causa da Transdnieúria, região desse país, de população quase totalmente russa, cuja independência e posterior integração à Rússia estaria em pauta<sup>3</sup>. A questão da fronteira russa foi criada com a dissolução da URSS e, anteriormente, com a sucessão de revoluções coloridas propiciadas pela nova política externa conduzida por Gorbachev, que levou à dissolução do Pacto de Varsóvia<sup>4</sup> e à retirada das tropas soviéticas estacionadas nos países do Leste Europeu e na Alemanha. Mais do que isso, levou à reunificação da Alemanha, mediante negociações do líder soviético com governantes ocidentais, durante as quais houve a promessa – não escrita - dos dirigentes americanos de que a OTAN<sup>5</sup> não avançaria para além das fronteiras da Alemanha. Não foi, entretanto, o que aconteceu. E, a despeito de inúmeros acordos de desarmamento dos arsenais nucleares e da atuação antiterrorista acordados entre a Rússia e seus parceiros ocidentais, a OTAN não só estabeleceu bases em todos os países do Leste Europeu, como

---

<sup>2</sup> Já suscitada em artigo de POMERANZ, L. *Temas centrais sobre a política externa da Rússia*, publicado na revista POLITICA EXTERNA, Vol. 16, no. 1, junho/julho/agosto 2007

<sup>3</sup> Desde antes ainda das eleições para a presidência da Rússia, realizadas em 1996, nas quais a vitória de Yeltsin sobre o candidato comunista Ziuganov no segundo turno, deveu-se ao apoio que recebeu do Cel. Lebedev, derrotado no primeiro turno e que fez toda a campanha em torno da promessa de defesa dos russos da Transdnieúria. A questão da independência da Transdnieúria é hoje colocada pela mídia ocidental como “próximo objetivo de conquista territorial” da Rússia.

<sup>4</sup> Organização militar do bloco soviético europeu.

<sup>5</sup> Aliança Militar Ocidental

programou a instalação de radares e equipamento anti mísseis balísticos na Polônia e na República Tcheca, a pretexto de que seriam contra ataques do Irã.

A sucessão das revoluções coloridas, que contaram com o apoio do Ocidente, alcançou a Ucrânia, depois dos anos difíceis da transformação sistêmica do país (instituição da economia de mercado, privatizações). No começo dos anos 2000, a Revolução Laranja teve como resultado imediato a instalação do governo do Presidente Yushenko, em 2004. Nas eleições seguintes foi vencedor Vítor Yanukovitch, representante da oligarquia do Leste ucraniano<sup>6</sup>, fortemente vinculada à Rússia em seus negócios. O seu governo foi marcado pelo enorme vulto assumido pela corrupção e pela incapacidade administrativa. Em 2013 a situação socioeconômica do país era desastrosa, encontrando-se este altamente endividado, parcialmente pelo recebimento do gás russo para consumo interno - mesmo com o preço deste energético sendo bastante reduzido em relação ao seu preço internacional - e parcialmente a empréstimos internacionais contraídos. Segundo dados de Business New Europe<sup>7</sup>, as reservas do país eram, em fevereiro de 2014, da ordem de 17,7 bilhões de dólares, o suficiente para dois meses de importação. E o país tinha um compromisso de pagamento da dívida externa da ordem de 6 bilhões de euros em títulos de curto prazo neste ano, montante que ascendeu a 8, 4 bilhões de dólares em 2015, antes de sua redução gradativa nos anos seguintes até 2018<sup>8</sup>. As reservas disponíveis pelo país cobriam somente um quarto de sua dívida.

As insatisfações da população com o seu governo acabaram irrompendo nas manifestações realizadas na Praça Maidan, em Kiev, depois que Yanukovitch, desistindo das negociações com o Ocidente, para realização de um Acordo de Livre Comércio com a União Europeia – como 1ª etapa para posterior ingresso na própria EU e na OTAN – preferiu as propostas russas para fazer parte da União Aduaneira então existente entre a Rússia, a Belarus e o Casaquistão, transformada muito recentemente em União Econômica Eurasiana. O acordo com a UE

---

<sup>6</sup> A Ucrânia é constituída por três regiões bem demarcadas, em relação à sua sociedade, ainda que cada uma delas possa ser subdividida, por conta de diversas características socioculturais : a região ocidental, com inclinações para a Europa Ocidental, de forte influência católica e onde se encontra forte sentimento nacionalista e anti russo, especialmente na Galícia (uma de suas subdivisões territoriais), de onde saíram os colaboradores dos invasores nazistas na 2ª. Guerra Mundial; a região central, onde se encontra Kiev; é predominantemente agrícola, é amplamente ortodoxa, em termos religiosos, e a língua praticada é a russa nas maiores cidades e a surzhyk – um mix linguístico, na área rural; e a região sudeste, que constitui a parte do país mais russificada, sendo sua população demograficamente uma mescla de ucranianos russificados e russos étnicos. São ortodoxos como opção religiosa e falam a língua russa primeiramente. É o coração industrial da Ucrânia, onde se incluem cidades de significância histórica do país, como Kharkov e Odessa, além da região autônoma da Crimeia, recentemente incorporada pela Rússia. Esta região, anteriormente soviética, foi doada em 1954 por Khrushchev à Ucrânia, nela se situando, além de Yalta, centro turístico importante, a cidade de Sebastopol, que abriga a frota naval russa (anteriormente soviética) do Mediterrâneo. SHARAKIAN, Pietro. *What is Ukraine?* <http://reconsideringrussia.org>, in JOHNSONS RUSSIA LIST n.o 45, 2/3/2014 # 18.

<sup>7</sup> ARIS, Ben. Business New Europe. In JOHNSONS RUSSIA LIST n.o 35, 19/02/2014.

<sup>8</sup> BOFIT Weekly– Bank of Finland Institute for Economies in Transition.no. 9 – 28/01/2014.

pressupunha o cumprimento de uma série de condicionalidades para o país ser aceito. Ex. tarifas sobre as importações da Ucrânia seriam reduzidas imediatamente, enquanto as tarifas sobre as exportações dela seriam reduzidas quando fossem cumpridas todas as condicionalidades impostas no tratado. O que poderia levar anos. No segundo caso, a Rússia ofereceu a compra de 15 bilhões de euros da dívida soberana da Ucrânia e a redução de 30% do preço do gás vendido ao país. Estas manifestações tinham por base, inicialmente, as perspectivas de uma melhoria das condições de vida esperadas de uma adesão à Europa, para um país relativamente pobre<sup>9</sup> e os receios de submissão à Rússia, em função de acontecimentos históricos do passado soviético: o *holodomor*, a grande fome dos anos 1932/33, resultante da coletivização forçada da agricultura na URSS e a deportação da minoria tártara da Crimeia, para a Ásia Central, em 1944, acusada de colaboração com os invasores nazistas.

As manifestações foram bastante bem organizadas, com infraestrutura logística para manutenção das pessoas na praça, como tendas e alimentação, além de algum arsenal para fabricação de bombas molotov e bastões com que resistir à repressão das forças especiais de choque (Berkut). O que implica dizer que os embates foram violentos, inclusive com invasão de edifícios públicos pelos manifestantes. A gravidade da situação levou a uma tentativa de acordo entre manifestantes e governo, intermediada por representantes da Polônia, da França e da Alemanha, no dia 21 de fevereiro. Neste acordo foram estabelecidos: a libertação dos manifestantes presos, a redução dos poderes do presidente Yanukovitch, com consequente aumento do poder do Parlamento, reforma constitucional e eleições antecipadas para a Presidência e para o Parlamento. O dia imediato foi marcado pela rebelião contra a sua aceitação, comandada por Dmitri Yarosh, ligado aos grupos radicais de direita e pelo assassinato de cerca de 100 pessoas, entre manifestantes e policiais da Berkut, por tiros lançados por atiradores de elite, de um edifício ocupado pelos manifestantes. Até agora se mantém a dúvida sobre quem teria levado estes atiradores para lá, ambos os lados da contenda acusando-se mutuamente e a Rússia demandando ao PACE<sup>10</sup>, investigações sobre o assunto<sup>11</sup>. Este acontecimento pôs fim ao acordo realizado, pois resultou na fuga do

---

<sup>9</sup> Segundo dados do Banco Mundial, o PIB *per capita* da Ucrânia, em 2012 foi de US\$ 3.867,1. [www.data.worldbank.org](http://www.data.worldbank.org)

<sup>10</sup> Parliamentary Assembly of the Council of Europe

<sup>11</sup> Em começo de março, em um telefonema vazado na internet, entre o Ministro do Exterior da Estônia Urmis Paet e a comissária da UE Catherine Ashton, através do qual ele reportava a ela o resultado de sua visita à Ucrânia, entre outras considerações, ele afirma que “há agora cada vez maior entendimento de que, por trás dos atiradores de elite não havia gente de Yanukovitch, mas alguém da nova coalizão”.CNN. In JOHNSONS RUSSIA LIST no. 49 . 7/03/2014 #14. E investigação realizada por jornalista do DER SPIEGEL, da Alemanha, recentemente divulgada, indica, também em base a registro telefônico, desta vez entre policiais das forças especiais de choque (Berkut), indagando quem estaria atirando, que a responsabilidade do massacre não era das tropas policiais.

presidente Yanukovitch e pressões sobre o Parlamento para a escolha de um governo provisório. Estava perpetrado o golpe contra o governo legitimamente eleito e criado um governo que incluiu entre os seus membros, 5 postos, especificamente na área de defesa interna e segurança, entregues a representantes dos grupos radicais nacionalistas, através da coalizão dos seus partidos. O novo governo provisório ucraniano foi imediatamente reconhecido pelos EUA e pelos líderes dos governos da União Europeia, enquanto a Rússia reforçava o contingente militar mantido na península, alegando o dever de proteger os cidadãos russos onde estivessem. Na realidade o fator maior de preocupação russa – não explicitamente declarado – eram suas bases navais, únicas com acesso às águas quentes e com saídas para a Europa, o Oriente Médio e a África.

Um dos primeiros atos do novo governo foi uma lei banindo a língua russa como segunda língua do país. Ela foi felizmente vetada pelo presidente, mas o prejuízo estava feito: provocou uma onda de revolta no leste e no sudeste, regiões da base eleitoral do governo deposto e onde a população, predominantemente russa, associando a lei ao domínio dos grupos fascistas no governo, temeu ser discriminada e deu início a grandes manifestações. Estas realizaram-se em diversas cidades das regiões mencionadas, em particular na Crimeia, onde estão localizadas as bases navais da Rússia, com os militares e suas famílias.

Cabe esclarecer que estas bases pertenciam à Frota Naval Soviética e foram doadas à Ucrânia em 1954, pelo então secretário do PCUS, Nikita Khrushchev, por circunstâncias relacionadas à luta interna na direção dessa agremiação política. Entretanto, quando da dissolução da URSS, naquele então não vislumbrada, a Rússia e a Ucrânia assinaram um tratado de partição delas e das embarcações em 1997, ratificado pelos parlamentos dos dois países em 1999. Por este tratado, a Rússia recebeu 81,7% dos navios da frota, pagando por eles US\$ 526,5 milhões. Além disso, o tratado previa a permanência da frota russa do Mar Negro na Crimeia até 2017. Em 2010, este prazo foi estendido para 2042, mediante o pagamento anual de US\$ 97,75 milhões, na forma de desconto do valor devido pela Ucrânia pela aquisição de gás russo. O tratado permitia à marinha russa a manutenção na Crimeia, de 25.000 soldados, 24 sistemas de artilharia de calibre menor que 100 mm, 132 veículos blindados e 22 aviões militares, além de cinco unidades navais estacionadas na cidade/porto de Sebastopol, discriminadas em suas características, duas bases aéreas na Crimeia, uma em Kacha e outra em Gvardeysky, forças costeiras compostas por um regimento anti mísseis aéreos em Sebastopol e uma brigada marítima, composta por 2.000 marinheiros. O tratado previa ainda permissão para as unidades navais russas implementarem medidas de segurança em suas bases permanentes ou durante os seus deslocamentos, em cooperação com as forças ucranianas<sup>12</sup>. Esta descrição detalhada dos itens acordados no tratado permite, de alguma forma, entender o rebate da Rússia, às acusações feitas pelos países ocidentais, de invasão de tropas russas na Crimeia.

Esta, que gozava de um estatuto político particular, dispondo de constituição e parlamento próprios, declarou-se uma república autônoma e decidiu realizar um referendo sobre sua incorporação à Rússia, atitude que teve o apoio do governo russo, desejoso de proteger as suas bases militares na península. As duas perguntas submetidas ao referendo foram i) é a

---

<sup>12</sup> RUSSIA TODAY. In JOHNSONS RUSSIA LIST n.o 50, 8/3/ 2014

favor da reunificação da Crimeia com a Rússia, como parte da Federação Russa e ii) é a favor de restaurar a constituição de 1992 e o *status* da Crimeia como parte da Ucrânia. O comparecimento às urnas foi de 83,1% da população, excluída a de Sebastopol; 96,77% votaram na alternativa de reunificação com a Rússia, 2,51% votaram na segunda alternativa e 0,72% dos votos foram anulados. O parlamento russo aprovou a reincorporação da Crimeia, que voltou, assim à sua condição histórica de pertencimento à Rússia, desde que a imperatriz Catarina, a Grande, em 1783 venceu os tártaros, seus anteriores ocupantes e assim permaneceu até 1954, com exceção dos 20 anos que durou a chamada Guerra da Crimeia, em meados do séc. XIX.

A incorporação da Crimeia pela Rússia provocou intensas discussões em torno da questão da autonomia versus soberania das nações, levando a acusações contra a Rússia, no sentido de que este país estaria contrariando as leis internacionais, e responsabilizando Putin pessoalmente, sob diversos opróbrios, pelos acontecimentos. Ao que Putin respondeu, ponderando sobre a política ocidental de duplo padrão diplomático sobre a questão da integridade territorial, dependendo dos interesses em jogo, e utilizando o caso de Kosovo, na Iugoslávia como o exemplo recente mais conspícuo e aventando outros referendos a serem realizados, como o da Escócia e do País Basco. A questão foi levada à Assembleia Geral da ONU por seis países – Alemanha, Canadá, Costa Rica, Lituânia, Polônia e Ucrânia - na qual se buscou obter uma resolução defendendo a integridade territorial da Ucrânia e declarando ilegal o plebiscito, consequentemente. Com a presença de 169 países, o resultado da votação aprovando ou não a resolução, foi o seguinte: a favor = 100; contra = 11; se abstiveram = 58. Os efeitos da resolução foram, porém de fato praticamente nulos, pois a Crimeia foi mantida na Rússia, que foi objeto de sanções contra personalidades políticas e empresariais do país. Estas foram encaradas pelo país de forma tranquila, não só pelo conhecimento do seu papel no suprimento energético, especialmente à Europa, como também pelo entendimento expresso em discurso do Presidente Putin de que, em condições de interdependência econômica, elas acabariam acarretando consequências de abrangência internacional.

É evidente que a anexação da península implica em um processo de adaptação da população às condições econômicas e institucionais russas, ao mesmo tempo em que acarreta custos financeiros. Ela foi anexada na forma de duas unidades territoriais : a República da Crimeia e a cidade de significância federal, Sebastopol. Os seus habitantes, segundo os termos do acordo assinado entre o Kremlin e os líderes das duas regiões, terão três línguas de igual *status* – russa, ucraniana e tártara crimeana e deverão assumir a cidadania russa em uma semana, embora tendo a liberdade de escolher se querem assumi-la ou manter-se com a nacionalidade ucraniana, no prazo de um mês após a assinatura do acordo. Tendo as primeiras eleições para os organismos regionais definidas para realizar-se em setembro de 2015, as suas autoridades ficam até esta data, a cargo do parlamento e do conselho ministerial da Crimeia e da assembleia legislativa da cidade de Sebastopol. A adaptação econômica e financeira deverá levar um certo tempo e se fazer gradativamente, por conta das diferenças existentes entre salários, pensões e níveis de assistência social entre a Ucrânia e a Rússia, que implicam em elevados custos, além daqueles necessários para os investimentos em infraestrutura de serviços públicos e transporte. Segundo várias fontes, a Crimeia precisará de entre 3 a 5 bilhões de dólares por ano para cobrir estes custos, incluindo investimento na construção de uma ponte atravessando o estreito de Kersch ligando-a à Rússia territorialmente. Somente

para elevar os salários do funcionalismo regional aos níveis dos russos, devem ser necessários 1,4 bilhões de dólares por ano, segundo especialista do Centro de Análises da Opinião Pública<sup>13</sup>. A transferência total de recursos para financiamento da economia da Crimeia, segundo fontes não oficiais do governo russo, é estimada em cerca de 3 bilhões de dólares/ano<sup>14</sup>. Mas há que considerar também os impactos macroeconômicos, como a depreciação do rublo e as saídas de moeda estrangeira, que exigiram forte intervenção do Banco Central no mercado de câmbio e na administração da taxa de juros, durante vinte dias de meados de março. Ao mesmo tempo, a incerteza em relação aos acontecimentos no plano político levou a exportações líquidas de capital, estimadas pelo Ministério da Economia em 35 bilhões de dólares (alguns analistas estimam este fluxo entre 50 e 70 bilhões de dólares, mas essas estimativas devem ser consideradas com alguma prudência, enquanto não se têm os dados oficiais ou de fonte não conspurcada pela influência das posições políticas).

A anexação da Crimeia pela Rússia provocou dois tipos de reações políticas.

Os países ocidentais embora divididos em relação ao tipo de represálias adotar, resolveram reunir em Haia, Holanda, os participantes do G7, mais os presidentes do Conselho Europeu e da Comissão Europeia, reunião da qual resultou a emissão de uma declaração – A Declaração de Haia, de 24 de março de 2014. Nos termos desta declaração, entre outras decisões, eles: i) condenaram o referendo realizado na Crimeia, por violar a Constituição da Ucrânia, assim como a Rússia, pela tentativa considerada ilegal de anexar a Crimeia, em contravenção à lei internacional; ii) decidiram impor uma variedade de sanções contra a Rússia e indivíduos considerados responsáveis e intensificar estas sanções, incluindo as setoriais, que podem significativamente impactar sobre a economia russa; iii) eles suspenderam a Rússia do G8, transferindo o seu *summit*, de Sochi, no Cáucaso russo para Bruxelas; iv) incitaram a Rússia a dialogar com o governo da Ucrânia para encontrar caminhos diplomáticos para diminuir a escala assumida pela situação; v) consideraram correta a decisão da Rússia de dar suporte à missão especial de monitoramento, da OSCE – Organização para a Segurança e a Cooperação Econômica ; e vi) atribuíram ao FMI o papel de liderança dos esforços internacionais para apoio à reforma ucraniana e sua integração, como economia de mercado, no sistema multilateral<sup>15</sup>.

No plano oposto, por sua vez, ela despertou amplas manifestações nas diversas regiões do Leste e Sudeste da Ucrânia, em defesa da língua e cultura russas e demandando autonomia, numa organização federal do país ou numa desejada integração com a Rússia; a região de Donetsk chegou a proclamar uma República Popular do Donetsk e a programar um referendo para legitimá-la, para o dia 11 de maio. Neste quadro, surgiram acusações de que a Rússia estaria não só as estimulando, como delas participando diretamente, através de militares dos

---

<sup>13</sup> KUCHMA, Anna. *Assessing the cost of Crimea*. RUSSIA BEYOND THE HEADLINES. In JOHNSONS RUSSIA LIST no. 61, 19/3/2014.

<sup>14</sup> BOFIT Weekly. Bank of Finland Institute for Economies in Transition. No. 12 – 21.03.2014

<sup>15</sup> THE HAGUE DECLARATION. White House Office of the Press Secretary. March 24, 2014. In JOHNSONS RUSSIA LIST no. 66, 24/03/2014, # 27.

seus serviços especiais. Estas acusações teriam como base, a instalação de tropas ao longo de sua fronteira com a Ucrânia, o reforço de suas tropas no mar Negro e a derrubada, pelos manifestantes, de dois helicópteros da aviação ucraniana. Quatro missões internacionais à região, que incluíram representantes de Alemanha, Letônia, Suíça, Bélgica, França e da própria Ucrânia, relataram, porém, não ter encontrado preparativos russos agressivos e não observado quaisquer atividades militares russas, além das declaradas pelo governo russo. Este, através dos contatos telefônicos mantidos pelo presidente Putin diretamente com Barak Obama e Angela Merkel, assim como através dos pronunciamentos de Sergey Lavrov, Ministro das Relações Exteriores russo, à mídia internacional e das reuniões por ele mantidas com John Kerry, Ministro das Relações Exteriores dos Estados Unidos, reiterou suas posições de não intervenção militar na Ucrânia, defendendo uma solução diplomática negociada para a crise. As divergências estavam situadas em torno da realização das eleições para a presidência da Ucrânia, programadas para 25 de maio, sem antes ter sido realizada a reforma constitucional, cujo centro deveria ser a federalização do país, que garantiria os direitos da população do Leste ucraniano, explicitamente o de utilizar a língua russa como língua oficial. O governo russo não considera legítimo o governo instalado após o golpe, mas entre os seus esforços por uma solução pacífica da crise vinha admitindo negociações entre os manifestantes do Leste e representantes do governo provisório.

As manifestações, entretanto, não só continuaram como assumiram grandes proporções; e tornaram-se cada vez mais violentas, na medida em que o governo central, declarando-as ações terroristas, passou a reprimi-las violentamente; para isso utilizou alguns poucos destacamentos militares regulares - já que parte das suas tropas vinha desertando ou aderindo às manifestações populares - e milícias do agrupamento Setor da Direita, notoriamente violentos. Um acontecimento foi marcante nesse sentido: estas milícias, associadas a torcedores de futebol violentos por elas convocados entraram em choque com os manifestantes da cidade de Odessa, reunidos em uma de suas praças no seu movimento reivindicatório de autonomia. Os primeiros, em sua ação, conseguiram impelir os manifestantes a um prédio da sede dos sindicatos e lá encurralá-los; em seguida, impedindo a sua saída, incendiaram o prédio, utilizando-se de bombas molotov. Alguns manifestantes morreram ao saltar para escapar do incêndio, enquanto outros, que tentavam posicionar-se para o salto foram mortos a tiros. Os que conseguiram furar o bloqueio e sair do prédio, foram brutalmente espancados e obrigados a engatinhar com mãos e pés durante o espancamento. O total de mortos foi superior a 49, havendo ainda feridos graves em hospitais. Este tipo de ação repetiu, em outras condições, o massacre da Praça Maidan, e reflete bem a natureza fascista dos milicianos do Setor da Direita<sup>16</sup>.

Mas parece ter sido o ponto de inflexão para uma atuação diferente do governo da Rússia, que resolveu fazer algumas concessões para conseguir a realização das negociações entre o governo ucraniano e os manifestantes do leste do país. Estas concessões consistiram no afastamento das suas tropas estacionadas ao longo da fronteira ucraniana e a aceitar o

---

<sup>16</sup> Vladimir Golstein, emigrado russo para os EUA e professor de Estudos Eslavos na Universidade de Brown, afirma que “o que aconteceu em Odessa foi algo ominosamente familiar à Europa do Leste: um organizado *pogrom*”. Forbes.com. in JOHNSONS RUSSIA LIST no. 111 # 1.



governo provisório e a validade das eleições de 25 de maio, como forma de instituir um novo governo e promover a reforma constitucional, estabilizar politicamente o país e assegurar os direitos da população do Leste à língua e à cultura russas. Para isso, Putin pessoalmente dirigiu-se aos líderes dos movimentos autonomistas de Donetsk e Luhansk e solicitou-lhes suspender os referendos por eles convocados para decisão sobre a autonomia de suas regiões. Esta mudança de posição do governo russo foi motivo de especulações de analistas, não se conhecendo as razões que a determinaram. Dadas as declarações peremptórias de Putin, no sentido da defesa dos russos, estejam onde estiverem, e tendo em conta a brutalidade com que estes estão sendo reprimidos em suas manifestações, pode-se entendê-la como uma forma de resposta ao que entenderia serem objetivos pretendidos pelos extremistas ucranianos de envolver a Rússia militarmente na disputa, e, assim, desencadear uma guerra entre este país e o Ocidente, com consequências imprevisíveis.

Os separatistas não atenderam ao seu pedido, realizaram os referendos conforme programados, em 11 de maio - não reconhecidos pelo governo central - e auto proclamaram suas regiões como repúblicas populares independentes; o governo, como resposta, em meados de abril deslançou intensa ofensiva contra eles, marcada pela violência da repressão, sob a chamada Operação Anti Terrorista - OAT, apoiada pelo então candidato à presidência majoritário nas pesquisas de opinião pública, Petro Poroshenko. Segundo suas declarações, uma vez eleito, ele liquidaria a rebelião no leste em não mais que horas.

A OAT envolveu – até hoje envolve - unidades do exército, polícia, forças especiais e a Guarda Nacional, a qual inclui em sua formação voluntários da parte ocidental do país, participantes das manifestações de protesto na Praça Maidan, engajados na guerra contra os separatistas, considerados pró Rússia. E conta com ações desenvolvidas pelas milícias independentes da direita. A reação dos separatistas é intransigente no sentido da continuação de sua guerra contra o governo que não reconhecem, formando grupos militares e milícias, engrossado por residentes das regiões objeto dos ataques da operação antiterrorista, revoltados com a morte de civis por eles provocada.

Houve esforços para a realização de entendimentos entre os insurgentes e o governo central, visando o apaziguamento do país, como a tentativa feita por diplomatas da Rússia, EUA e representantes do governo interino da Ucrânia, que se reuniram em Genebra, em meados de abril, e acordaram algumas propostas nesse sentido, entre elas: i) instar o governo e sua oposição a conter a violência, o extremismo e provocações; ii) desarmar militantes e deslançar um diálogo nacional sobre a reforma constitucional. Esta reforma constituiu, aliás, uma condição da plataforma das negociações inicialmente proposta pela Rússia para aceitação da legitimidade das eleições presidenciais programadas para 25 de maio, sob o argumento de que, no âmbito da constituição vigente, o presidente eleito não teria poderes para enfrentar a crise e restabelecer a ordem no país<sup>17</sup>. Ela deveria, portanto, realizar-se preliminarmente às eleições.

---

<sup>17</sup> No sistema político ucraniano vigente, o presidente tem responsabilidade principalmente pela segurança interna, pela defesa e pelas relações internacionais; o 1º. Ministro também tem poderes significativos e é nomeado com base na coalizão parlamentar dominante. Walter Moss,

Estes esforços não tiveram efeito, dadas, por um lado, a adoção pelo governo de Kiev, da estratégia de esmagamento militar da oposição e exigência de sua rendição, mediante a entrega de armas em troca da promessa de anistia aos rebelados; e, por outro lado, pela determinação destes em obterem a autonomia de suas regiões, como proteção contra a violência dos extremistas nacionalistas e garantia de seus direitos à língua e à cultura russas.

O resultado foi a intensificação da guerra civil nas regiões leste e sudeste, com a intensificação da atividade das milícias e o recrudescimento da violência, da qual resultaram centenas de mortos e feridos. Foram notáveis na imprensa internacional, i) a invasão de soldados da Guarda Nacional à estação de polícia da cidade de Mariupol, em 9 de maio, para expulsão de separatistas nela instalados, resultando na morte de 8 deles, além de vítimas da população civil contra a qual atiraram em sua retirada do local; ii) a chacina de soldados ucranianos lotados num posto de controle da Guarda Nacional Ucraniana, perto da cidade de Volnovaha, que se recusaram a acatar a ordem de atacar civis numa vila próxima; esta chacina foi realizada, segundo testemunhas pelos esquadrões da morte Donbas e Azov, financiados pelo oligarca Kolomoisky, nomeado pelo governo ucraniano provisório como governador da região de Dnepropetrovsk. Os soldados sobreviventes informaram que, dos 53 homens, somente 7 sobreviveram.

Este era o ponto a que chegaram os acontecimentos relacionados com a crise, antes das eleições para a presidência, realizadas no dia 25 de maio passado. Concorreram ao cargo cerca de duas dezenas de candidatos. Os resultados das urnas, só recentemente divulgados são os seguintes, conforme anunciados em reunião parlamentar, pelo presidente interino da Ucrânia Oleksander Turchinov<sup>18</sup>: Petro O. Poroshenko = 54,7%; Yulia Tymoshenko (Partido Pátria) = 12,81%; Oleh Liashko (Partido Radical) = 8,32 %; Anatoly Hrytsenko = 5,48%; Serhiy Tihipko = 5,23%, ambos do Partido Posição Cívica; Mikhailo Dobkin (Partido das Regiões) = 3,03%; Vadym Rabinovitch (Congresso Judaico Pan Ucraniano) = 2,25%; Dra. Olha Bogomoletz (ativista da Praça Maidan) = 1,91%; Petro Symonenko (Partido Comunista), que se retirou da contenda = 1,51%; Oleh Tyahnybok (Partido Svoboda) = 1,16%; Dmitri Yarosh (Partido Setor da Direita) = 0,7%; Andrey Hrynenko (empresário) = 0,4%; Valery Konovaliuk (ex parlamentar) = 0,38%; Yuri Boiko (ex vice primeiro ministro) = 0,19%; Mykola Malomuzh (ex chefe do Serviço de Inteligência Internacional) = 0,13%; Renat Kuzmin (ex 1º. Vice Procurador Geral) = 0,1%; Vasyl Kuibida (líder do Rukh Popular Ucraniano) = 0,06%; Oleksander Klymenko (Partido Popular Ucraniano) = 0,05%; Vasyl Tsushko (ex chefe do Comité Anti-Monopólio) = 0,05%; Volodymyr Sarans (empresário) = 0,02%; Zoryan Shkyryak (ativista da Praça Maidan) = 0,02%; Oleg Tsarov (pró Rússia) da região de Dniepropetrovsk, deixou a contenda.

O comparecimento às urnas foi de 60,29% da população votante; esta soma um total de 35,5 milhões de habitantes incluídas as populações votantes da Crimeia (1,5 milhão) e das Regiões de Donetsk (3,3 milhões) e Luhansk (1,7 milhões) respectivamente. A população da Crimeia não votou, tendo votado não mais de 15% dela em Donetsk e não mais de 39% dela em

---

professor emérito de história da Eastern Michigan University. In JOHNSONS RUSSIA LIST no. 120, 29/5/2014.

<sup>18</sup> JOHNSONS RUSSIA LIST no. 120 – 29/05/2014.

Luhanks, nestes últimos casos por causa do boicote promovido pelos manifestantes separatistas nestas regiões<sup>19</sup>.

Ao lado da votação para a presidência do país, foi feito referendo sobre algumas questões relativas ao rumo desejado para o país. São elas, com respectivas respostas (em % sobre o total de votantes)<sup>20</sup>: 1) A favor da Ucrânia integrar-se à União Europeia (52,3%); a favor de integrar-se à União Aduaneira comandada pela Rússia 47,7%). 2) A favor da língua ucraniana como a língua oficial do país (65,5%); a favor de ambas línguas – ucraniana e russa – terem *status* oficial (34,5%); no leste do país (73,4%). 3) A favor da Ucrânia como um Estado unitário (73,4%); a favor de um Estado federativo (16,6%). No leste do país (43,8%).

A realização das eleições marca uma nova etapa na evolução da crise ucraniana, porque gerou expectativas de normalização institucional, através do reconhecimento da legitimidade eleitoral do novo governo e, assim, do interlocutor responsável pelas medidas conducentes à solução da crise no país. E, como corolário, deu lugar a ampla discussão entre analistas ucranianos, russos, além dos de outras nacionalidades, sobre os rumos que deve seguir o país doravante e sobre as consequências da crise sobre a Rússia e sobre o sistema de relações internacionais.

Nesse sentido, cabe, antes de adentrar as questões envolvidas por essa discussão, conhecer o interlocutor Petro O. Poroshenko, tentar entender a razão de sua avassaladora preferência eleitoral e buscar elementos que permitam avaliar as suas possibilidades de enfrentar e solucionar os graves problemas que o país enfrenta.

Petro A. Poroshenko é natural de Odessa e em seu histórico<sup>21</sup> apresenta grandes facilidades para o empreendimento de negócios, ao lado de grande permeabilidade política. No primeiro caso, iniciou a construção de sua fortuna investindo em negócios aparentemente menos rentáveis, como a importação de pimenta negra e grãos de chocolate, para depois estender os negócios para o setor industrial – veículos de passageiros, tratores, barcos motorizados, e construção naval e, para o seu grande sucesso empresarial, a empresa de chocolates Roshen, com a qual se tornou grande exportador desse produto para a Rússia e se tornou conhecido como o Rei do Chocolate – e para o comércio de peças, equipamento agrícola e pneus para automóveis. Em síntese, nos negócios foi caracterizado por um de seus sócios, como um “tomador de riscos”. Na política, deu os primeiros passos de sua carreira, como cofundador do Partido das Regiões, do ex-presidente Vitor Yanukovitch, posteriormente passou-se para o grupo de Viktor Yushenko, com apoio do qual obteve a posição de chefe do Comitê do Orçamento da Suprema Rada (Parlamento); quando Viktor Yushenko se tornou presidente da Ucrânia, ele exerceu o cargo de Secretário do Conselho presidencial ucraniano para a Segurança e a Defesa Nacional, do qual foi demitido, juntamente com outros membros do governo, inclusive a então 1ª. Ministra Yulia Timoshenko, por envolvimento em corrupção.

---

<sup>19</sup> Leonid Radzikhosvky. JOHNSONS RUSSIA LIST no. 120 – 29/05/2014.

<sup>20</sup> Sean’s Russia Blog. JOHNSONS RUSSIA LIST, no. 118. 27/05/2014

<sup>21</sup> Oleg Bazak. Moskovskiy Komsomoletz, in JOHNSONS RUSSIA LIST no. 116. 25/05/2014.

Depois de atuar como presidente do Conselho Fiscal do Banco Nacional da Ucrânia, retornou à política com sua nomeação para o Ministério das Relações Exteriores, no governo de Viktor Yushenko. E, após atuar como Ministro do Desenvolvimento Econômico sob Yanukovitch, elegeu-se como deputado, em cuja condição estendeu seu império para a área de comunicação, onde detém inclusive um canal de TV, que utilizou em seu apoio aos manifestantes na Praça Maidan.

Pode-se, assim, sintetizar a personalidade de Poroshenko, como um empreendedor habilidoso e ousado, ao mesmo tempo que político maleável, graças à experiência adquirida com sua atuação em diferentes agremiações políticas. O que lhe dá condições para assegurar se os apoios necessários ao cumprimento de suas novas funções, entre as elites empresariais e políticas, inclusive russas, a despeito das acusações de corrupção que lhe são feitas. O seu apoio direto às manifestações na Praça Maidan, fornecendo os pneus posteriormente queimados e um escavadeira - utilizada para o ataque à administração presidencial - , proporcionou-lhe, por outro lado, o imenso apoio expresso na extraordinária preferência eleitoral. Uma vez eleito, concretizou em entendimentos com os líderes ocidentais, a sua inclinação para integrar a Ucrânia ao bloco Ocidental, sem, porém, descartar a possibilidade de entendimentos com a Rússia e prometer realizá-los antes de três meses decorridos de sua posse.

As discussões sobre o rumo que deve seguir o país envolveram uma série de questões, dentre as quais duas principais podem ser destacadas: 1. A solução para o conflito armado, que opõe o governo central em um lado e os moradores das regiões leste e sudeste em torno da autonomia para estas últimas, em outro lado. 2. Como o novo presidente eleito, que toma posse em 7 de junho, comporá o seu governo, encaminhará o fim do conflito e conduzirá suas relações com exterior, importantíssimas para a reconstrução econômica do país.

Em relação à primeira questão, existe quase consenso entre analistas, de que ela deve surgir de negociações entre as partes conflitantes, uma vez que nem a Rússia, nem o Ocidente, liderado pelos Estados Unidos demonstram intenções de envolver-se em guerra, por conta da crise ucraniana. Surge no debate o efeito deletério da solução militar, expresso no reforço e ampliação das forças militares dos separatistas, além da revolta da população das regiões do leste e sudeste diante das perdas humanas e no seu maior engajamento com esses grupos militares contra os ataques da operação antiterrorista; e na determinação dos seus líderes de não se submeterem ao governo central e defenderem o seu direito a autonomia e independência. Isto ficou demonstrado com a unificação das repúblicas populares de Donetsk e Luhansk na constituição da Nova Rússia, invocando a histórica região ucraniana assim denominada na Rússia imperial, compreendida pelas regiões de Donetsk, Dnepropetrovsk, Luhansk e Odessa, incorporada com a Ucrânia à URSS em 1922.

Entretanto, como os fatos estão demonstrando, uma solução negociada do conflito passa, necessariamente, pelo reconhecimento de que a Ucrânia, para não ser cindida, deve buscar uma organização institucional que respeite as diferenças culturais existentes entre as populações de suas regiões e lhes assegure a autonomia indispensável para o seu desenvolvimento. O novo presidente eleito, em suas primeiras declarações, insistiu na intensificação das ações da OAT para liquidação da insurgência, através de um reforçamento

modernizante de seu efetivo, solicitando para isso o apoio dos Estados Unidos<sup>22</sup> e da União Europeia. Segundo alguns analistas, a intenção poderia ser a de que todo o “trabalho sujo” fosse feito antes de sua posse. Com efeito, foram registradas novas operações extremamente violentas contra os separatistas; uma delas foi realizada no dia imediato ao conhecimento dos resultados das eleições, para a retomada do aeroporto internacional de Donetsk, ocupado por membros da Milícia Popular, comandada pelo cel. Igor Streltov, acusado por Kiev de ser membro da Inteligência Militar russa. Durante esta operação foram mortos 48 e feridos 45 militantes separatistas, sendo ainda registradas as mortes de um jornalista italiano e seu tradutor, veterano jornalista defensor dos direitos humanos e ex dissidente soviético. Tiros de metralhadora oriundos do ar destruíram, no dia seguinte, os dois caminhões que transportavam os feridos do embate e mataram todos eles. No dia seguinte, 28 de maio, mais de 1000 mineiros<sup>23</sup> marcharam em manifestação de protesto e apoio à República Popular de Donetsk. No dia 2 de junho, em Luhansk foi bombardeada a sede da administração governamental da região, situada ao lado de uma praça frequentada por moradores locais, causando a morte de 8 e ferindo 20 militantes separatistas. E no dia seguinte, 3 de maio, ofensiva foi deslançada para tomar a cidade de Slovyansk, na região de Donetsk. As tropas do exército regular conseguiram capturar a pequena cidade de Krasny Liman, mas encontraram resistência em Slovyansk. As informações sobre o número de mortos e feridos nesta operação são distintos, se oriundos do Ministério da Defesa da Ucrânia ou dos combatentes locais. O que significa que a estratégia centrada na ação militar não está dando os resultados desejados, já se considerando instituir lei marcial para os combatentes rebeldes, depois que duas bases militares foram por eles tomadas. Na cobertura de imprensa da participação de Poroshenko, como representante da Ucrânia, nas comemorações do Dia D na França, foi registrada a sua informação de que, durante o discurso de posse, no dia 7 de junho, indicaria algumas medidas para a solução pacífica do conflito.

Em relação às demais incumbências, que lhe cabem como presidente eleito, o debate se concentra fundamentalmente em dois aspectos interligados: i) a recuperação da combalida economia ucraniana e a falsa proposição de que o país deve escolher entre o Ocidente e a Rússia, trazendo à tona novamente a decisão “ou – ou” entre o país aderir ao tratado de adesão à União Europeia ou aderir à nova União Econômica Eurasiana, formada sob a liderança da Rússia; ii) a dívida em atraso contraída pela Ucrânia para compra do gás russo.

Já foram indicados acima, alguns indicadores econômicos da Ucrânia, que demonstram a sua debilidade econômica, parte dela agravada pela redução das exportações de produtos de sua indústria pesada à Rússia. Gaddy e Ickes, da Brookings Institution<sup>24</sup> fazem um detalhado

---

<sup>22</sup> Na Polônia, onde esteve para a comemoração dos 25 anos de democratização do país, o presidente Obama ofereceu uma nova ajuda para fins militares, no valor de 5 milhões de dólares. AP e LOS ANGELES TIMES, 4/6/2014. In JOHNSONS RUSSIA LIST no. 124, 4/6/2014.

<sup>23</sup> O GUARDIAN informa, com base em suas fontes, que teriam sido mais de 300; o que dá mostra da guerra de informação em curso no país.

<sup>24</sup> Clifford G. Gaddy e Barry W. Ickes. Brookings Institution. In JOHNSONS RUSSIA LIST n.o 116. 25/05/2014.

apanhado da dependência econômica ucraniana da Rússia, dando como exemplos, i) o setor de material ferroviário: quando a Rússia, no segundo trimestre de 2013 interrompeu a compra de locomotivas e vagões, que segundo eles, representou uma perda de mais de três bilhões de dólares de renda anual, as fábricas que as produziam praticamente fecharam, produzindo efeitos ainda nos setores metalúrgico, de mineração e de energia; ii) a indústria bélica, fornecedora de materiais para o complexo industrial militar da Rússia: ela seria de cerca de um quarto do tamanho do complexo russo e respondia por um quarto do pessoal ocupado nas cidades em que se concentra (96% do emprego do setor, em quatro cidades: Kiev, Kharkov, Dnepropetrovsk e Nikolaev). A substituição de importações da Rússia pelos produtos do setor, anunciada por Putin, por conta das sanções impostas ao país pelo Ocidente, causaria, portanto, sérios problemas de desemprego na Ucrânia. Os autores rechaçam a possibilidade dos Estados Unidos, outros países da OTAN e a União Europeia substituírem a Rússia, no apoio à Ucrânia e afirmam que o FMI jamais conseguiria fazê-lo. Estimam que a transferência de recursos para compensar a perda de empregos seria da ordem de 276 bilhões de dólares, com alguma subestimação desse valor. E consideram que não pode haver uma Ucrânia viável, sem sérias contribuições de ambos, a Rússia e o Ocidente, sugerindo ser este o melhor cenário entre um país totalmente integrado no Ocidente e um país totalmente integrado à Rússia. Aparentemente, considerando suas declarações, Poroshenko parece inclinado a optar por essa alternativa. Novamente, aqui se colocam as condições impostas pela Rússia para entendimentos nessa direção, especialmente o cessar as ações militares na região sudeste e nela promover as reformas constitucionais que garantam a sua autonomia.

As negociações entre a Ucrânia e a Rússia sobre a dívida da primeira pela compra de gás russo, - estimadas pela Gazprom em cerca de 5,2 bilhões de dólares até 7 de junho -, têm sido intermediadas pela Comissão Europeia. As disputas giram em torno do preço do gás fornecido e do fornecimento dele pela Rússia, ameaçado pelo retalhamento ao não pagamento do gás consumido em maio, no valor de 1,7 bilhões de dólares. Como se sabe, a Ucrânia recebia gás da Rússia por preço altamente subsidiado, acertado quando da renovação do contrato entre os dois países relativo à utilização do porto de Sebastopol pela Rússia. Com a ocupação da Crimeia, este contrato perdeu efeito e a Rússia elevou o preço do gás fornecido para \$ 500 por 1000 metros cúbicos. A Ucrânia considerou este preço muito superior ao vigente no mercado internacional e afirma que só pagará pelo fornecimento do gás russo entre abril e maio, se o preço for reconsiderado<sup>25</sup>. A Gazprom ameaçou limitar a remessa de gás à Ucrânia – por onde passa parte substantiva do gás fornecido à Europa Ocidental – se o país não fizesse um pré pagamento pelo gás que seria fornecido em junho. Apesar do recebimento da parcela financeira prometida pelo FMI – negado pelo Ministro de Energia da Ucrânia e confirmado por Medvedev, 1º. Ministro da Rússia – não se tem notícia desse pagamento pela Ucrânia, nem sobre os resultados das conversações, notícias essas centradas atualmente no acordo que a Rússia assinou com a China para o suprimento do gás russo a este país.

Petro Proshenko assumiu a presidência no sábado, dia 7 de junho. De seu discurso de posse divulgado, há indicações de que não negociará com os insurgentes do leste/sudeste, aos

---

<sup>25</sup> Analistas do mercado financeiro preveem que este seja acordado em torno de \$ 350 - \$ 380 por 1000 metros cúbicos.

quais ofereceu anistia, desde que se rendam e não tenham matado alguém; de que deverá assinar o acordo com a União Europeia e de que pretende realizar conversações com Putin. Dado o quadro apresentado neste texto, é difícil fazer prognóstico sobre como serão solucionados os conflitos e como evoluirá a situação econômica e social do país. Resta acompanhar; e esperar o melhor para a Ucrânia.

Para fechar este artigo, cabe somente ainda, discutir a reação da Rússia às sanções contra ela impostas pelos Estados Unidos e seus aliados ocidentais; sem, entretanto, deixar de assinalar que as suas posições não são exatamente iguais, em função das relações comerciais que a Rússia mantém com os países europeus (da ordem de 440 bilhões de dólares em 2013), da existência de 6.200 empresas alemãs na Rússia, da decisão da França de manter o contrato de entrega de um navio equipado para lançamento de mísseis assinado com a Rússia, da resistência do 1.º ministro da Grã Bretanha Cameron que as considera prejudiciais aos interesses da City de Londres, do Japão confirmar o convite para a visita de Putin ao país no próximo outono<sup>26</sup> e da forte dependência europeia – ao menos no curto prazo - do suprimento de gás russo.

A reação às sanções no plano interno centrou-se no enfrentamento das suas consequências de curto prazo, no mercado de capitais, no fluxo da capital externo para o país e na defesa do rublo. Incluiu-se também a perspectiva da reforma desse mercado e a criação de um sistema eletrônico de pagamentos nacional, com cartões de crédito próprios, para substituir a inicial<sup>27</sup> decisão de Visa e Mastercard de deixarem de funcionar na Rússia, depois da sanção ocidental ao Banco Nacional da Rússia. E o presidente Putin anunciou a adoção de um programa de substituição de importações no complexo industrial militar e outros setores da economia russa, o que não deixará de pressionar a disponibilidade de recursos para investimento, mormente aqueles relacionados com a integração da Crimeia, conforme indicados anteriormente. Por outro lado, não se perceberam mudanças no comportamento das empresas de capital estrangeiro funcionando no país, algumas das quais, bastante importantes, deixaram de atender ao pedido do presidente Barak Obama de não se fazerem presentes no Foro Econômico Internacional de São Petersburgo, realizado no início de junho.

As reações no plano externo foram de duas ordens. Uma, de provocar a quebra de compromissos anteriormente assumidos com os Estados Unidos: suspensão de suprir os motores de mísseis usados para lançamento dos mesmos, remoção das estações GPS do território russo e retirada do projeto da Estação Espacial Internacional. Ficaram como questionáveis, dependendo da evolução das relações entre a Rússia e os Estados Unidos, a cooperação para a eliminação das armas químicas na Síria, a intermediação russa nas negociações em torno do programa nuclear iraniano e o apoio logístico à retirada das tropas americanas do Afeganistão. A outra, de muito maior alcance, foi a radical virada da Rússia para o Leste, através do estabelecimento de uma cooperação estratégica com a China. No âmbito desta cooperação – que já existia nas questões internacionais discutidas no Conselho de Segurança da ONU – incluiu-se como foco central, a assinatura de um contrato entre a

---

<sup>26</sup> Dmitri Trenin. Carnegie Moscow Center. JOHNSONS RUSSIA LIST n.o 123. 2/6/2014

<sup>27</sup> Notícias mais recentes dão conta de um cancelamento desta decisão.

GAZPROM e a CNPC para a venda anual de 38 bilhões de metros cúbicos de gás russo à China, por um período de 30 anos; um acordo de dupla responsabilidade para o desenvolvimento da infraestrutura necessária ao cumprimento do referido contrato, assim como investimentos mútuos também para o desenvolvimento da parte siberiana do território russo – em abril, Putin decretou a criação da zona econômica especial de Vladivostok; um acordo comercial que deve aumentar o comércio bilateral a 200 bilhões de dólares em 2020; e um acordo para o desenvolvimento em parceria, da indústria aeronáutica, tendo em vista desenvolver um avião de grande capacidade para competir com a Boeing e a Airbus, e vender o sistema russo avançado de defesa anti aérea e anti balística.

O aspecto importante desta parceria Rússia-China está, porém, nas mudanças que provoca sobre todo o sistema estratégico de relações internacionais, pelo reforço do papel que a China deve desempenhar mundialmente no futuro não muito distante. Mas este é um tema que fica para a análise dos especialistas em geopolítica internacional, fugindo aos limites deste artigo.

xxx